Achylles Porto Alegre

## ATRAVÉS DO PASSADO

(CERONICA E HISTORIA)

1920

Gráficas da Livraria do Globo - Porto Alegre Sta. Maria, Cruz Alta e Uruguayana Achylles Porto Alegre

## ATRAVÉS DO PASSADO

(CERONICA & HISTORIA)

## PORTO ALEGRE DE HONTEM E DE HOJE

A Historia é uma resurreição.

MICHELET

8

AO é facil, como talvez a muitos pareça, escrever sobre assumptos assás conhecidos e até por demais conhecidos, como este de que vamos agora tratar. A historia de nossa formosa cidade tem sido bellamente e longamente tracada e mesmo retraçada por espiritos de eleição que a este glorioso e lindo trato da terra gaúcha estão ligados pelo berço ou pelo coração e que, pos isso, lhe deram largas e proveitosas horas de estudo, meditação e carinhoso cuidado. Desde a sua fundação até á actualidade, a chronica de Porto Alegre está escripta sem falhas, póde dizer-se. A vida da cidade é, pois, conhecida por velhos e moços que aqui nasceram, cresceram, afundaram raizes, floresceram e fructificaram, e, por isso mesmo, amam extremecidamente ao berço querido. Não temos portanto a pretensão de, nestas paginas, descobrir a polvora. Todavia sempre ha uma novidade no pas-

sado das coisas mais conhecidas, e como o presente apresenta em cada dia um aspecto novo, uma surpreza, um imprevisto e como não raro encerra sempre algo de inedito, de impenetrado, mesmo para os olhos mais perspicazes e observadores, não nos parece impossivel encontrar leitores, até entre os que melhormente conheçam a nossa "urbs", que descubram neste leve trabalho «algo de nuevo a mirar», como diria, pela bocca de Fradique Mendes, o fino, ironico e paradoxal Eça de Queiroz. Porque é bem verdade que até á vida quotidiana o desconhecido anda intimamente ligado. Nas pessoas com quem vivemos, e vemos e fallamos diariamente, em cada dia, em cada hora descobrimos um traço, um signal, um gesto que, não obstante a nossa convivencia, nos haviam escapado. Uma ruga, um fio de cabello branco, um "tic", um cacoête de que até então nunca nos aperceberamos, mal grado um constante "tête-à-tête" — tudo isto nos vem provar, num relance, que até naquillo que mais conhecemos existe sempre alguma coisa por conhecer. Dest'arte nutrimos a consoladora esperança de que nestas paginas ligeiras, os leitores encontrarão aspectos novos, paizagens ineditas e descripções de logares e typos, que sendo ou tendo sido typos populares, serão talvez agora vistos sob um novo e ignorado colorido. Não é raro ver-se ainda hoje, e até com documentos officiaes, estampada uma antiga photographia de Porto Alegre, com o distico: - "Vista geral da cidade de Porto Alegre em 1835" - e onde figura, com a bandeira alvorada noticiando espectaculo — o edificio do theatro S. Pedro, que é de construcção muito anterior áquella época. De facto, a construcção dessa velha casa de representateve principio em 1850 e foi officialmente inaugurada a 27 de junho de 1858, com a representação do drama "As recordações da mocidade", pela Companhia dramatica rio-grandense. dirigida por João Ferreira Bastos, de luminosa memoria na elironica do nosso theatro antigo. A photographia, que ahi anda estampada com a data de 1835, é com toda a certeza de 1860, que foi quando se tiraram, por objectiva, as primeiras vistas da cidade mais conhecidas.

Apontamos de raspão, sem que isso nos interesse, este caso para mostrarmos como até officialmente ha conhecimentos errados acerca do panorama da eldade. Não será pois de estranhar que o mesmo meceda com respeito á velha chronica da nossa encantadora e gloriosa "urbs". Já um poeta disse que recordar o passado é viver outra vez". Assim é, de facto. Pena é que, quando evocamos o passado, não voltemos á mocidade senão mentalmente. Pudeme ter a memoria o condão da Agua de Juventa, para os que, havendo attingido o alto da montanha, ainda conservam, apezar da edade provecta do corpo, a mocidade do coração, do espirito e da intelligencia.

Mas . . . entremos em assumpto.

8

Plantada num formoso sitio, a 24 kilometros de Viamão, a cidade de Porto Alegre ostenta-se, ridente e clara, sobre varios outeiros, de onde se avista a confluencia dos rios Cahy, dos Sinos e Gravatahy, com o caudaloso Jacuhy, um dos maiores do Brasil. As aguas destes rios foram o placido e largo Gua-

hyba, que margina, num vasto contorno, a collina em que se assenta a nossa encantadora cidade. Além disso, como é riquissimo o systema hydrographico do municipio de Porto Alegre, o qual pertence á bacia oriental, grande numero de arroios vem desaguar no Guahyba, como sejam Capivary, Petim, Araçá, Riacho, Passo Fundo, Conde, Pesqueiro, Lamy, Salso, Cavalhadas e Pedras. O systema orographico, entretanto, não é de modelo a impressionar. Todavia, além de pequenas collinas, possue algumas serras, como as do Christal, Belém, Antonio Alves, Sant'Anna, Itapoan, que são nada mais nada menos que minusculas ramificações da Serra do Mar. Além disso, nas immediações da cidade, e fazendo parte de seu aspecto physico, se notam algumas ilhas de regular extensão, como as da Pintada, Pombas, Francisco Manoel, Pavão, Polvora, Flôres, Lages, Garças e ilha grande dos Marinheiros.

Fazendo a descripção de Porto Alegre, descripção quasi photographica, como pretendemos, não podiam ficar fóra da objectiva, na penunbra, estes aspectos circumstantes.

Quanto á fundação da cidade houve ligeira discordancia de datas, que, entretanto, foi liquidada por historiographos e chronistas interessados na materia. Hoje é fóra de duvida que, segundo documentos officiaes e depoimentos officiosos, Porto Alegre foi fundada a 27 de julho de 1773, e não a 18 de janeiro desse anno, como erradamente andava enunciado. Esta differença de mezes apenas, talvez a muitos pareça uma esquirola ou coisa de somenos; mas, bem ponderando, na vida de um homem, como na de uma cidade, é, perante o direito, questão de alto peso. Agora se sabe, connoante as investigações pacientes, que a data de 18
de janeiro de 1773, refere-se á pastoral do bispo
frei Antonio do Desterro, ordenando a substituição
da invocação de S. Francisco do Porto dos Casaes
para a de N. S. Madre de Deus. E aqui devemos
notar que comquanto distando do municipio de
Viamão 4 lequas, Porto Alegre de hoje foi primitivamente chamado Porto de Viamão. Depois deste,
que foi designado Porto de S. Francisco dos Cames. Mas, Porto Alegre, além dos padroeiros que
apontamos, esteve tambem, por muitos annos, sob
o de S. José. Todavia sobre a nossa cidade quantas
colsas andam erradas!

Vejamos.

8

Abramos o "Diccionario Geographico, historico e descriptivo do Imperio do Brasil, por J. C. R. Milliet de Saint-Adolphe, dedicado (com permissão especial) a sua magestade imperial o Senhor D. Pedro II, imperador do Brasil.

Aqui está, lettra por lettra, o que nelle se contém sobre

"Porto Alegre — Cidade mercantil, capital da provincia de São-Pedro-do-Rio-Grande, em 30 gráos 21 minutos de latitude e pouco mais ou menos 54 gráos de longitude oeste. Foi fundada em 1743 por colonos das ilhas dos Açores, que ali assentáram vivenda com mulheres e filhos á beira duma enseada, ao nascente e perto da lagoa Viamão, que os geographos dizem ser a boca do ria Jacuhi. Edificou-se dentro em pouco tempo uma igreja de que

foi padroeiro S. Francisco, e a povoação que se originou foi largos tempos conhecida com o nome de Porto-dos-Casaes, por isso que havia sido povoada com casaes de Açoristas. Em consequencia da invasão dos Hespanhoes em 1762, e no cabo de oito annos d'alternativas e desasocegos, o novo governador José Marcellino de Figueiredo determinou d'ali residir tanto pela facilidade das communicações com os demais portos da provincia, como pelo aprazivel do sitio a que pôz o nome de Porto-Alegre.

Depois de um rapido historico e ligeira exhibição de dados estatisticos, diz o erudito diccionarista: — Infelizmente rebentou em 20 de outubro de 1835 a revolução tramada pelo coronel de milicias Bento Gonçalves da Silva, e de então por diante a população, o commercio forão em diminuição por effeito da guerra civil que se ateou numa das mais bellas provincias do Imperio."

E' de lamentar que no texto de uma obra dedicada a D. Pedro II — o Imperador sabio, se encontrem, a cada passo, erros de datas e outros grosseiros desvios de verdade.

Propositalmente gryphamos algumas palavras que não podiam passar sem reparo a nossos olhos.

Porto Alegre foi fundada em 1743, escreve o Sr. Milliet de Saint-Adolphe, quando, como é sabido, o principio de sua fundação se deu em 1742, que foi quando se estabeleceram nesse sitio os sessenta casaes de açorianos a quem cabe a gloria de tão notavel empresa. Mais adiante o emerito diccionarista, que si em tudo fôr exacto como o foi neste

lanço de sua aliás interessante obra, não se deu a grandes trabalhos de investigação para escrevel-a, Illy que a cidade está numa enseada, perto da lagoa Viamão.

Por mais que procurassemos não encontramos em geographias nem em mappas essa lagoa Viamão, como parte integrante da topographia de Porto

Alegre.

Continuando nos mesmos despauterios, o polygrapho francez estampa no seu famoso diccionario: Infelizmente arrebentou em 20 de outubro de 1835 uma revolução tramada pelo coronel de milicias Bento Gonçalves da Silva, e de então por deante a população, o commercio forão em diminuição, por effeito da guerra civil que se ateou numa de suas mais bellas provincias".

Neste ponto ha a corrigir um erro chronologico e um falso juizo sobre o nosso progresso social e

economico

A revolução, não o ignoram nem collegiaes, arrebentou em 20 de setembro de 1835 e não a 20 de outubro. E' este o erro chronologico. Vejamos o falso juizo. A revolução não diminuiu, como ahi se diz, a população nem estancou o commercio da cidade. O seu progresso, tanto em população como em commercio, foi sempre num crescendo magnifico. E' verdade que, nos primeiros dias do movimento revolucionario, o presidente da provincia e alguns outros elementos officiaes se retiraram para a cidade do Rio Grande; mas isso não significa de modo algum diminuição de população e de commercio, pois que, para a sua defesa accorreram de outros pontos da provincia e do Imperio copiosos

auxilios de gente e de material, tornando assim mais intensa a vida da cidade.

Dizer que "de então por deante a população e o commercio forão em diminuição", o mesmo é que affirmar que Porto Alegre não mais progrediu, não mais se desenvolveu, ficou como morta, condemnada a ruinas e ao desapparecimento. Todavia o contrario foi que succedeu. A cidade tomou novo incremento. O seu progresso, tanto material como intellectual, accelerou-se, e a nossa gloriosa "urbs" é actualmente uma das mais lindas, mais cultas e adiantadas da Federação Brasileira.

Um dia, ha muitos annos, vindo da patria lusitana, aportou á nossa terra um moço bohemio, de talento, de espirito e de leviandade incomparavel, que, entretanto, era filho do cognominado "Deus da eloquencia portugueza" — grande orador e par-

lamentar José Estevam.

Era Matheus de Magalhães.

Na sua vida borboleteante pelas redacções de jornaes e salas de collegios, pois era litterato e professor, o seu "fraco" era fazer "phrases". No dia de sua chegada, um amigo saíu a mostrar-lhe a cidade. Ao cabo do passeio perguntou:

- Que tal achas Porto Alegre, Matheus?

— Para cemiterio não é triste — respondeu o moço bohemio.

E fixou residencia em Porto Alegre. Muitos annos depois, já velho, com familia, e a vida sobrecarregada de desgostos e desillusões, dizia Matheus de Magalhães, referindo-se á nossa cidade:

— Em nenhuma parte do mundo eu iria encon-

trar um tumulo risonho como em Porto Alegre.

8

l'acamos, agora, num rapido escorço, o historico da cidade, desde os seus primeiros dias até ao premente. Foi em 1742, como já atraz referimos, que nementa casaes açorianos vieram collocar-se no ponto em que hoje pompeia, grande já e caminhando para o mais brilhante futuro a nossa formosa

capital.

Embora sempre se possam dizer coisas novas nobre velhos themas, em historia, que é o nosso caso, não se póde desprezar o que já está escripto com côr local e a tintas vivas. Eis porque vamos estampar nestas paginas, mesmo por ser pouco conhecido, o que o notavel e saudoso medico patricio, dr Sebastião Leão, um amoroso e paciente investigador das nossas coisas antigas, escreveu sobre Porto Alegre velho, e que se relaciona com o estabelecimento dos casaes açorianos nestes sitios.

"Temos como facto positivo que entre os primeiros casaes de numero, vindos das ilhas, para o Porto de Viamão (mais tarde Porto de S. Francisco dos Casaes e depois Porto Alegre), devem ser contados os dos irmãos Oliveira (Manoel e Matheus).

Eram ambos da ilha de S. George, bispado de Angra, sendo Manoel casado com Maria Rosa (da ilha Terceira) e Matheus com Luiza de Quadros (natural da ilha S. George; falleceu em Porto Ale-

gre a 7 de novembro de 1772).

Os irmãos Oliveira tornaram-se chefes de numerosa prole, e contavam com a protecção do tenente-coronel Paschoal de Azevedo, o quinto commandante militar do Rio Grande de S. Pedro. Matheus foi, durante muitos annos, o vigia da terra,

e como tal, encarregado de informar o sr. coronel commandante das circumstancias destas paragens. (Nota de Ricardo Muniz, segundo um manuscripto

do Archivo Publico do Rio).

Ao lado dos irmãos Oliveira figura a familia Silveira, da ilha do Fayal, que se fez representar entre os fundadores de Porto Alegre mandando Francisco Antonio Silveira, José Antonio Silveira, Manoel Silveira, Francisco Silveira d'Azevedo (Chico Ilhéo), Vicente Silveira Gonçalves (Vicente Brabo).

Toda esta Silveirada teve grande e util descendencia, e domiciliou-se para os lados da Estrada do Meio, entre esta estrada e os Moinhos de Vento, e

no caminho do actual cemiterio.

Neste caminho fixou residencia Francisco Antonio, que fez o seu rancho, logo depois do arroio, á direita de quem vae da cidade, mais ou menos no ponto em que está, hoje, funccionando a pharmacia Toledo.

Francisco Antonio da Silveira casou-se com D. Antonia Maria de Jesus, natural de Guaratinguetá, e aqui estabeleceu em 1760, approximadamente, a primeira azenha (moinho de roda, movido a agua).

A azenha do Chico Silveira era de primeira ordem e por isso numerosa era a freguezia da Capella Grande e do Porto, que ali ia levar o trigo para a moagem.

Prosperando o seu negocio, e precisando facilitar o transito entre a sua casa e o Porto, Silveira fez construir a primeira ponte da Azenha, reconstruida em 1773, e ultimamente substituida pela elegante ponte de ferro, collocada pelo illustre dr. Montaury.

Azenha denominou-se, e ainda assim é conhecida,

a estrada que da Varzea vae ao cemiterio, e como Chico da Azenha ficou sendo conhecido o Francisco Antonio da Silveira.

Muitos filhos deu-lhe a sua esposa, d. Antonia Maria de Jesus, como se póde verificar do 1.º livro de baptismos da Matriz, onde se encontram os assentos dos baptizados feitos pelos padres José Comes de Faria, dr. Roriz, frei Bento de S. José, em filhos do mesmo casal (1772 a 1784).

Pensamos que são descendentes dos ilhéos Silveiras o velho Fumaça (José Silveira Pereira), morador no Caminho do Meio, junto ao Capão da Fumaça, e o velho Bogango (José Silveira Fernandes), morador nos Moinhos, e os Silveira Casado, que têm papel saliente na historia de Porto Alegre.

Além das familias Oliveira e Silveira, contamos mais entre os primeiros açorianos: José Lopes, pae de Antonio José Lopes, administrador das obras da egreja das Dôres; Manoel Jacintho, da ilha da Madeira, pae de José Jacintho, o Reçabiado, morador na estrada do Matto Grosso e que, ainda hoje, tem tradições conhecidas; Antonio da Silveira Pereira, José Rodrigues, do Fayal; Francisco Fernandes, da Madeira; Estevão da Cista (ilha Terceira); Caetano de Carvalho (Fayal); José Pereira (Fayal); Antonio Pereira Gomes (Fayal); Antonio Martins (Terceira); Domingos Caetano (Madeira); José Coelho Severino (Terceira); Francisco Cardoso (Terceira); José Severo Leal (ilha do Pico); José de Souza Pacheco (S. George); Manoel Antonio Machado (S. George).

Pereira Coruja garante que pertenciam tambem aos primeiros ilhéos de Porto Alegre os Terras, Garcias, Rosas, Gulartes, Fanfas e Medeiros, troncos de diversas familias, com grande descendencia no Estado.

E' facto digno de nota a fecundidade extraordinaria das familias dos ilhéos: raro é o casal que não contava mais de seis filhos, e alguns, como o do Lopes, attingiram á fabulosa cifra de 21 filhos, e o do Manoel Jacintho, á de 30 filhos, sendo 15 de cada uma das mulheres com quem foi casado!

Ainda hoje, será facil verificar-se a verdade do que deixamos dito, consultando os livros de assentamentos de baptismos e obitos no archivo da se-

cretaria do bispado.

Estes ilhéos esabeleceram-se pelo littoral ou procuraram a Estrada do Meio, para assim se communicarem, mais facilmente, com o pessoal da Capella Grande.

Verdadeira picada, a principio, a Estrada do Meio só permittiu o facil transito depois que José Marcellino de Figueiredo encarregou o engenheiro capitão Alexandre José Montanha de abrir ou riscar duas estradas, que de Viamão viessem ter ao Porto.

Com effeito, este engenheiro "abriu em primeiro logar a estrada denominada do Viamão e mais tarde Caminho do Meio, e, posteriormente, a outra, que depois chamaram do Matto Grosso, denominou-se do Diluvio, nome do arroio que mais ou menos acompanhava a estrada.

8

São estes os prodromos da fundação de Porto Alegre. Choupanas de taquaras, ripas, barro, e colmo, erguendo-se aqui e ali, na pressa do colono em construir o seu abrigo. Era o duro trabalho do

machado, fazendo derrubadas e da enxada e do fogo, cavando e aplainando o terreno para o começo de um mundo e o principio de muitas e grandes vidas. Era a lucta do ser intelligente com a natureza viva mas inconsciente. Era o esforço da esperança abrindo portas para o futuro. E, rapidamente, Porto Alegre floresceu, quasi como um milagre. Outros povoados mais antigos proseguiram a passo de tartaruga ou ficaram estacionarios. Foram capitaes do Rio Grande do Sul outras villas ou cidades; mas a Porto Alegre coube por fim a primazia. A sua posição geographica e o seu rapido progresso impuzeram-na irresistivelmente. Além disso era obra dos açorianos, esse bello typo de homem, de quem tanto se tem dito, e do qual, entretanto, ha ainda tantas coisas a dizer. No seu rapido e luminoso estudo diz o dr. Sebastião de Leão, a este proposito:

"Os filhos de Porto Alegre, em successivas gerações, têm perpetuado os caracteres physicos e mo-

raes dos honrados ilhéos lusitanos."

Esses caracteres, bem descriptos por Acurcio Ramos (Noticia do Archipelago dos Açôres), e Alcides Lima (Historia Popular do Rio Grande) merecem ser apontados aqui, em ligeira summula.

Comparado o typo do antigo açoriano e o do porto-alegrense veremos, em muitos pontos, per-

feita analogia.

O typo da mulher açoriana, ao que dizem escriptores, era bello, impressionante á primeira vista.

Alta, desenvolvida, olhos castanhos, brilhantes, de uma vivacidade extranha, faces coradas, cabellos negros, sedosos, "tendo certas feições amplamente desenvolvidas na direcção da elegancia, da formo-

sura e da majestade, combinadas com a robustez da musculatura bem torneada, a mulher dos Açôres era um typo bellissimo.

Não menos prodiga fôra a natureza, nos dotes physicos concedidos ao ilhéo portuguez: varão robusto, "sacudido", gosando uma saude de ferro, era quasi invulneravel ás agruras do tempo.

Pelo lado moral, nota o Dr. Lima, o povo dos Açôres distinguia-se pela vivacidade natural do espirito, alliada a um caracter alegre e expressivo. As suas maneiras são extremamente francas e dignas e os sentimentos de generosidade bem pronunciados.

A hospitalidade que, em todas as épocas, tem sido o padrão por onde se afére a sensibilidade dos povos, era para os açorianos um verdadeiro culto.

Temente a Deus, aceitando a religião catholica, os açorianos tinham o espirito de tolerancia perfeitamente infiltrado, de modo que todas as idéas e sentimentos religiosos eram supportados em identico gráo de consideração."

Nas predilecções domesticas, refere o Dr. Acurcio Ramos, "amam a musica, a dansa, as representações thearaes, as reuniões de mascaras, as loucuras de carnaval, as cavalhadas, as corridas de touros e as festas do Espirito Santo, as mais populares e geraes do archipelago."

Affeito ao trabalho, mesmo o mais penoso, revelando sempre pronunciada tendencia para a posse da propriedade territorial, amigo do seu lar, o açoriano

era inimigo da vida militar.

Pouco propenso á farda, era entretanto de grande fidelidade e valor, nos campos de batalha.

Amigo da liberdade, da independencia, os açorianos registram nos seus annaes historicos, feitos valiosos revelando o seu amor pelos principios liberaes.

Foi esta gente boa, pura, honesta, que serviu de argamassa á familia rio-grandese, legando a esta caracteres physicos e moraes, permittindo a sua notoriedade, na nacionalidade brasileira."

Feita assim a apresentação da nossa gente e da nossa terra, façamos agora uma digressão atravez da cidade velha e nova.

\$ · \$

A construcção da cidade começou irregularmente, mas obedecendo ás instrucções da metropole, que nisto punha especial attenção e rigoroso escrupulo.

A cada casal açoriano era concedido ¼ de legua de terra, com a condição de logo occupal-a, edificar ahi e cultivar. As ruas não teriam menos de 40 palmos de largura. "Por ellas e nos lados se porão as moradas em boa ordem, deixando entre umas e outras e para traz logar sufficiente e repartido para quintaes, attendendo assim ao commodo presente como a poderem ampliar-se para o futuro.

Bem se vê que, nestas instrucções fallavam um grande senso pratico e cuidadoso não só do presente como do futuro.

O povoamento da cidade propriamente dita, principiou a ser feito nos terrenos onde actualmente existem "as ruas Major Pantaleão Telles, Andradas, General Salustiano, Vasco Alves, Duque de Caxias e beira do Guahyba (pedaço denominado todo elle praia do Arsenal), Bragança, Becco do Fanha e Costa do Rio, mais tarde Caminho Novo".

Aqui a mattaria era espessa, mas não tanto como nas Emboscadas, actualmente rua João Alfredo, que o povo teima em designar Riachinho. Ainda hoje, apezar dos cuidados municipaes em limpar e "civilisar" a cidade, se encontra, nos resquicios, a prova de quanto naquelle ponto era cerrada e frondosa a matta. Diz um intelligente estudioso da velha e nova cidade: "A casaria modestissima dos primeiros habitadores de Porto Alegre tornava-se mais abundante no pedaço de terra chamado praia do Arsenal. Dahi em dieante a edificação ia-se amesquinhando mais e mais, rareando espaçadamente na rua dos Ferreiros, nas proximidades da rua 7 de Setembro e nova actual rua das Flôres, que naquelles tempos, aliás não muito remotos, eram aguas do Guahyba. A edificação primitiva continuou até ao Caminho Novo, "logar em que havia os negocios de toda a especie, que fóra delle a principio existiam na praça que por isso se chama da Quitanda, hoje Senador Florencio, em honor de um dos nossos mais austeros politicos e parlamentares, que deixou um digno herdeiro de esses dotes em um filho, que ha muitos annos, no parlamento nacional, serve e honra o grande partido republicano gaúcho. Os terrenos ahi são na actualidade vendidos por preços fabulosos, entretanto naquellas priscas eras, que são, por assim dizer de hontem, vendiam-se por 200, 320 e 400 réis ao palmo, mórmente na rua da Praia, Egreja e Bragança. As zonas urbanas finalizavam no logar chamado até agora praça do Portão (pelo facto de nelle encontrar-se a entrada das fortificações depois feitas, estendendo-se desde o Riacho, passando pela varzea e subindo pelos terrenos da Santa Casa, compreendendo a chacara da Brigadeira iam terminar no littoral do Guahyba, no Caminho Novo), estavam divididos em 8 quadras, como podemos inferir por innumeros documentos que compulsamos destes dias tão distantes. Em papeis primitivos ao tratar-se de uma transacção de compra, venda ou hypotheca de terreno ou casa, constiuia habito forense necessario o referir-se a quadra, e isto vimos do n. 1 até 8 e, quando fóra deste, dizia-se suburbios de Porto Alegre; em 1800 é que começou a população discrecionariamente a pôr nomes ás ruas, que nalguns casos possuiam mais do que um, e que a tradição conserva até hoje, não sendo de estranhar sua perpetuação por longuissimos annos porvindouros", A chacara da Brigadeira, que era fronteira á Santa Casa, assim se chamava por pertencer a D. Josepha Eulalia de Azevedo, viuva de Raphael Pinto Bandeira, brigadeiro, que por seus feitos de bravura e notavel tactica militar, deixou nome immortal não só no Brasil, de onde era natural, como em Portugal e na Hespanha.

8

Porto Alegre, como se sabe e a sua topographia o indica, era um terreno cortado de innumeros arroios, de que ainda hoje o Diluvio, e outros menos volumosos dão expressivas amostras. De ahi a quantidade de pontes que então existiam e de que os velhos nomes de ruas, que, de tradição em tradição e de geração em geração têm vindo até aos nossos dias, estão dando sobejas provas. As pontes principaes, das quaes se guarda memoria e que estão estampadas em livros e chronicas antigas, eram distribuidas pelas seguintes ruas: Direita (General

Canabarro), Graça ou Praia (Andradas), Cotovello ou Ponte (Riachuelo) e varias pinguellas na do Arroio (General Bento Martins) e ainda outras que, por menos importancia, não merecem menção. A cidade progrediu rapidamente, graças á iniciativa particular. Os seus limites urbanos foram-se a pouco e pouco dilatando. A principio iam até á rua Senhor dos Passos. Actualmente prolongam-se, povoados e activos, até aos confins dos municipios visinhantes. Os antigos arrabaldes, Menino Deus, Parthenon, Navegantes, são hoje arterias vitaes do coração da cidade. Alguns, surgidos á ultima hora, como o arraial de S. João, que é actualmente, pelo seu estupendo commercio, progresso e cultura, uma cidade na cidade, revelam a poderosa actividade da gente porto-alegrense. Façamos, o que aliás já foi escripto e está publicado, uma exposição das ruas mais conhecidas. Neste lanço, vamos apenas transcrever, mas uma transcripção a nossa maneira.

Começando pela nossa principal arteria, damos a rua dos Andradas. Chamou-se rua da Praia no espaço compreendido entre a rua Salustiano á do General Camara, e dahi até á praça D. Feliciano rua da Graça, que foi, como consta de documentos officiaes, o seu nome primitivo. A Riachuelo: Da rua General Salustiano até á praça Marechal Deodoro — rua do Cotovelo, d'ahi á praça General Marques — rua da Ponte. Ahi pelas proximidades da rua ainda hoje chamada becco do Poço, havia uma fonte cuja guarda estava confiada ás sentinellas do palacio, afim de zelarem pela conservação da mesma e do kágado, que, como era de costume, usava-se pôr para limpeza da agua. Afinal, relaxada a pratica, o inoffensivo bicho foi morto a pedradas pelos

discipulos do Amansa-Burros, que aproveitou o ensejo para solemne aula de moral. Duque de Caxias: da rua General Salustiano até á de Vasco Alves rua Tavares, desta até á praça Marechal Deodoro - Formosa. Dahi á rua Marechal Floriano S. José e Egreja. Dahi até á praça General Marques — rua do Hospital e Alegre. Nella está o antigo becco das Dores. General Canabarro: Becco de Pedro Mandinga. Desde a rua Coronel Fernando Machado até 1 Demetrio Ribeiro — Cova da Onça, depois toda ella rua Direita de São José e Conde de Porto Alegre, por ahi ficar localizado o palacete desse titular, que tem agora ligado seu titulo honorifico a uma rua do 3º districto actual. Lá está a placa — Conde de Porto Alegre. Na historia da rua General Canabarro ha a referir o becco da Ferraria. General Bento Martins: Da rua Andradas até á do Riachuelo - Peccados Mortaes; dahi á Duque de Caxias, Jogo da Bola. Desta para baixo, do Nabos a 12. Chamava-se do Jogo da Bola por ter nella havido um, o primeiro, de propriedade de Antonio Pereira da Silva. O segundo foi na rua da Praia, sendo dono Bento Teixeira da Silva: do Arroio, nome que ainda agora conserva. Chamava-se dos Peccados Mortaes, por nella haver um proprietario construido sete casinhas horriveis, occupadas por moradores, que, tanto pela plastica, como pelo sentimento se tornavam parelhas, pelo que vieram a ser conhecidas por Sete Peccados Mortaes. Jeronymo Coelho: foi rua do Pantano, Nova do Poço e S. Jeronymo. Demetrio Ribeiro: Da rua Major Pantaleão Telles até á de Vasco Alves — rua da Bahia. Dahi por deante Varzinha; becco do Forno, depois D. Izabel, em homenagem á visia da princeza im-

perial. Varzinha chamou-se depois toda ella. 7 de Setembro: chamou-se Nova da Praia e da Alfandega. O trecho da rua Clara em deante chamava-se tambem becco dos Marinheiros, um dos nomes daquella rua. 15 de Novembro: foi rua da Policia e Conde d'Eu. Voluntarios da Patria: foi Costa do Rio e Caminho Novo. Ha ahi o becco do Páo Fincado. João Alfredo, chamou-se Riachinho, Emboscadas e Margem. Ficam ahi os beccos do Vintem, Curral das Eguas, Ajuda-me a viver e Coqueiros. General Portinho, foi Becco do Bot'á bica, Visconde de Castro, Rua Bella e João de Castro. General Vasco Alves: chamou-se Becco dos Guaranys e rua da Guarda Principal, devendo este ultimo nome talvez ao facto de existir ahi o quartel da legião guarany, que montava guarda ao deposito da polvora, que ficava nesse sitio. Commercio: foi becco da Opera, por ter ahi existido o primeiro theatro de construcção permanente e de madeira. General João Manoel; Da rua Duque de Caxias á dos Andradas, chamou-se Clara e dahi para baixo becco dos Marinheiros. Christovam Colombo: foi Becco do Chico Pinto, da Marcella e Floresta, Da Marcella por ahi morar uma preta desse nome, de muita popularidade. General Camara: Da rua Riachuelo á dos Andradas — Ouvidor, da Andradas a 7 de Setembro — Ladeira, depois becco do João Ignacio e da Garapa. Garapa como se chama um trecho da rua da Ladeira, proveiu do facto de alli expôr-se á venda excellente garapa, extraída do cannavial de João Ignacio Teixeira, que por annos innumeros explorou tal negocio, para o que fazia grandes plantações na sua chacara no Caminho Novo. Esse João Ignacio celebrisou-se por isso e por mais ainda

ter-se envolvido num processo movido pelo Ouvidor Dr. Candido Ladislau Jopir Assú. E' de familia que deixou não pequena arvore genealogica. Faz parte della o advogado do fôro de Porto Alegre Dr. José Ignacio Teixeira de Andrade, já fallecido, e os reputados clinicos José Alves e José Ignacio Alves Valença, sendo aquelle deputado estadual. General Andrade Neves: antiga Rua Nova de S. Jorge. General Victorino: Foi: Arco da Velha, Prisão Militar e Alegria. O segundo proveiu d'uma prisão alli havida. Coronel Fernando Machado: Arvoredo. Provém o nome do facto de nella haver muitas arvores e onde mais abundavam as casas de capim. A unica de telha e tijolos que nella existia era a padaria de Manoel Luiz. Ahi existiu o becco do Céo. Marechal Floriano: Da praça 15 de Novembro á rua Duque de Caxias — chamou-se Bragança; d'ahi para baixo — Ladeira do Lycêo; General Silva Tavares. Vigario José Ignacio: chamouse Bandeira, Laranjal e ainda hoje, para quasi todos, Rosario. General Paranhos: Da rua Andrade Neves á do Riachuelo chamou-se - becco do Freitas. Dahi á Duque de Caxias, becco do Poço ou da Cacimba, e dahi para baixo — becco do Meirelles. Dr. Flores: antiga Santa Catharina. Senhor dos Passos: Becco do Couto e do Cordeiro. Do nome de um velho Couto. A outra denominação veiu do facto de ahi haver residido um tal João do Couto. Ahi ha o becco da Pulga. General Auto: antiga Bellas. Espirito Santo: antigo becco do Cemiterio e do Imperio. Teve o primeiro nome pelo facto de nas suas proximidades, no logar hoje occupado pela praça Marechal Deodoro, estabelecer-se o segundo cemiterio que tivemos. Imperio — assim se baptisou a

rua hoje do Espirito Santo, mas sempre chamada por aquelle nome, recordando a creação na esquina da praça, da capella ou imperio do Divino. Este templo ha passado por successivas reformas, datando seu levantamento pouco mais ou menos de 1772. A antiga construcção tinha cinco portas de frente, como ver-se-á por uma vista antiga. Mais tarde foi demolida, ficando com tres. Ainda soffreu nova demolição em 1882, para dar logar á interessante capella que hoje se levanta no mesmo sitio. Bento Gonçalves: foi: o becco da Fonte e do Jacques. O primeiro lhe veiu por ter ahi existido uma fonte, de logradouro publico, e o segundo porque ahi residiu por longos annos o escrivão Francisco Jacques Neves. Avahy: foi o becco do Firme ou rua do Vallo. Alguns escrevem Firmo, mas é erro, porque recorda um nome: o de Antonio Francisco Firme. Taes terrenos, antes do arruamento e quando de todo abertos, serviam para a realisação de festejos dos negros africanos, que ahi realisavam seus ruidosos candomblés. Coronel Genuino: Caminho da Ponte e Figueira, que ficou até hoje, e serve para recordar uma colossal figueira que nella existia, lado direito do Riacho, e um dia derribada por violento temporal. Ramiro Barcellos: da rua Floresta á Voluntarios da Patria — chamou-se becco do Carneiro e da Marcella. Depois toda ella — D. Affonso. Republica: foi Imperador e becco do Israel. Aberta em 1845, quando aqui esteve D. Pedro II. Venancio Ayres: chamou-se Imperatriz e Vasco da Gama. 13 de Maio: foi Santa Thereza e Menino Deus, que ainda dura. Aurora: chamou-se becco do Barbosa. Este nome lhe veiu por haver morado ahi, muitos annos, Antonio Martins Barbosa. 7 de Abril:

antigo becco do Motta e rua Princeza. 28 de Setembro: foi em outros tempos e ainda hoje para muita gente — Pretos Fôrros. General Salustiano. untiga praia do Arsenal. Este nome estendia-se tambem ás ruas Andradas e outras. Foi por aqui que teve inicio a edificação da capital. Major Pantaleão Telles: foi a praia do Riacho. Nella ha o becco da Maxambomba. Independencia: ainda hoje Moinhos de Vento. General Lima e Silva: antiga Ollaria, com o seus becco Carioca. Marcilio Dias, ainda nova e que não teve outra denominação. Nella ha o becco do Marmelleiro. Emancipação: é até hoje conhecida por becco do Sapo. José de Alencar: foi e ainda é para muitos — Caxias. 17 de Junho: é a dos Coqueiros. Asenha: estrada do Silveira e do Cemiterio. Paginas atraz já fallámos nos Silveiras que lhe deram o nome. Ahi ha o becco da Suzana.

São estas as ruas mais conhecidas, populosas e commerciaes. Ha no 4º districto muitas outras de grande commercio e edificações modernas, e sumptuosas mesmo. Mas seria um nunca acabar si fossemos fazer uma relação das ruas da capital. Passemos, pois, ás travessas mais conhecidas e já relacionadas: 2 de Fevereiro: foi Cadeia Velha e becco do Trem. Paysandú: becco do Ignacio Manoel Vieira e do Fanha. "Fanha" era o appellido do taverneiro Francisco José de Azevedo, estabelecido no local. Devia esse appellido á sua voz nasalada. Foi elle o primeiro morador — isto em 1800. Edificou casa na rua dos Andradas, bem no centro da quadra que então ia da rua Clara á da Ladeira. Julgando necessaria a abertura de uma outra rua, entendeu deixar a largura que hoje forma o becco do Fanha, onde construiu outra casa á moda do tempo, com

rotulas, pintadas de verde, que em 1895 foram demolidas por ordem da Intendencia. Toda essa travessa, segundo os ultimos projectos da reconstrucção da cidade, vai ser extincta, para dar logar a uma grande avenida, que se estenderá da margem esquerda do Guahyba ao chamado Riacho. Itapirú: becco do Brito e do João Coelho, por causa de João Coelho das Neves, que deu o terreno para a abertura da rua, ahi por volta de 1814 e ter ahi morado durante muitos annos. Angustura: becco da Barriga, D. Ursula, do Lisbôa e do Leite, pessoas essas todas que alli moraram. Dura até hoje o de Leite como recordação do alfaiate Manoel José Leite. 24 de Maio: era o antigo becco do Rosario. 1.º de Março: chamou-se becco do Oitavo e rua Pombal. Do Oitavo, em lembrança do batalhão 8.º, que teve alli quartel durante muitos annos no edificio da esquina.

Eis, agora, as praças, cujo historico é conhecido: General Osorio foi: Manoel Caetano, Senhor dos Passos, Conceição, Ladeira de S. Jorge e Alto da Bronze. Ficou o ultimo recordando o appellido de uma mulher que alli morava, por nome Felizarda, e que gosava de nomeada. Da Conceição por terem nella primitivamente sido lançados os alicerces do templo com aquella invocação. Abandonados estes fundamentos ergueu-se a egreja já no local em que hoje está. 15 de Novembro: antigamente Paraizo, Mercado e Conde d'Eu. Havia nas proximidades deste sitio e rua 7 de Setembro, a rua dos Ferreiros, cujos limites iam até ao local hoje occupado pela banca do peixe. Visconde do Rio Grande: era a praça das Dôres. Martins de Lima: era o largo da Forca (desde que as execuções criminaes come-

çaram), praça do Arsenal e até agora, para o povo, praça da Harmonia. General Marques: antiga do Portão, por ser ahi a entrada da cidade propriamente dita. D. Feliciano: antiga Caridade. Independencia: tambem chamada como a do General Marques - Portão. Padre Thomé: largo da Forca tambem, e Pelourinho, por ser o sitio onde se impunha o vexatorio castigo, á moda dos romanos. Senador Florencio: era Quitanda e Alfandega. Quitanda por ser alli o inicio do mercado. Marechal Deodoro: antiga do Palacio e D. Pedro II, Campo da Redempção: antigamente Varzea e Campo do Bomfim. Jayme Telles: antiga São Miguel. José do Patrocinio: outr'ora Concordia. S. João Baptista: antigamente areal da Baroneza, por alli ter existido o palacete da baroneza de Gravatahy, onde funccionou antigamente a escola militar e é hoje um quartel da brigada militar do Estado. O povo chamava tambem o local Estado-Oriental, por causa das desordens que ahi se davam constantemente. Ahi fica o becco Preto. D. Sebastião: antiga Conceição.

E' claro que na relação das ruas, travessas e praças citadas não está talvez a metade das existentes. São, porém, as que diariamente estão na bocca do povo e, em certas occasiões, no noticiario dos

jornaes.

8

Que eram estas ruas ha pouco mais de trinta annos? Algumas — eram mattaria. Outras, as que hoje são a belleza e a alegria da cidade, intransitaveis no máo tempo e verdadeiras tapéras, á noite. A illuminação, nas principaes, era feita a lampeões de

azeite — quando não havia luar. A's nove horas, no verão, e ás dez, no inverno, o bronze médio da Matriz — tocava a silencio. Era o signal para o recolhimento geral. A cidade fechava-se e apagava-se. A população mettia-se na cama — para sonhar sonhos róseos ou ter pesadellos. As ruas não eram limpas, com immundas calhas de aguas servidas, ietidas. infectas. A relva crescia, aqui e alli, menos avelludada que grosseira. A casaria, em geral, era de construcção acaçapada, sem platibanda, com telhados gotejantes para os passeios, lageados e quasi sempre enlameantes. A' porta de cada casa viam-se os indispensaveis e previdentes frades de páo, com a inflexivel argolla de ferro, onde se amarravam as redeas dos rossinantes pertencentes aos moraciones da Capella e outros sitios distantes, que vinham á cidade tratar de negocios ou de visitas. Pesadas carretas puxadas a bois, cruzavam todo o dia as ruas da nossa "urbs". Não havia viação. Apenas o "coupé" de um ou outro medico endimeirado. Raras cadeirinhas de gente rica -porque até "cadeirinhas" Porto Alegre possuiu nos longinquos tempos de sua nascente opulencia e cultura. Os bondes, de systema americano, só foram inaugurados em 1873. Até, então, a "maxambomba" é que dava a nota. O nome desta viação ficou para sempre ligado á chronica da cidade velha. "Maxambomba" é um becco muito conhecido, e sobre elle já atraz dissemos.

Si, de memoria, regressamos a esses tempos, vemos quanto foi rapido e espantoso o progresso da cidade. Hoje, ella ostenta-se garbosa, com a sua edificação moderna, pomposos palacetes, ruas calçadas a parallelipipedos (trabalho já em inicio), ca-

Africant and Principal on The

barets, cinemas e mais "fitas coloridas" de modernismo e civilisação. Onde antigamente eram velhos e immundos pardieiros, se erguem agora edificios de requintada esthetica. Alguns se não primam pela apurada architectura, são comtudo dos mais vistosos da cidade. Um delles é o palacete Chaves, de que perferentemente vamos fallar, por estar o ponto em que elle se ergue ligado á vida intellectual do Rio Grande do Sul. Levantavam-se ahi dois velhos predios com frente para praça da Alfandega e dois outros fronteiros á ladeira. Eram mesquinhos sobrados, com duas sacadas verdes, tendo ao meio, em lettras grandes, os dois nomes Corpo Santo. Que significava isso? Era o nome de um velho professor: José Joaquim Leão de Corpo Santo, actualmente de memoria tão ridicularisada pelos intellectuaes. Todavia, antes do desequilibrio mental de que foi victima, Corpo Santo foi homem de certo valor e representação. Exerceu o magisterio publico de 1851 a 1854 e leccionou em collegios particulares. Desempenhou cargos publicos, como o de vereador em Alegrete. Nessa localidade fundou uma escola primaria e secundaria, transferindo para ahi a typographia de seu jornal A Justiça, que em 1871 suspendeu a publicação iniciada na capital em 1868. No anno de 1876, já visivelmente transtornado do cerebro, imprimiu, em typographia de sua propriedade, um livro de mais de 200 paginas, composição em duas columnas, formato grande. Intitulava-se Encyclopedia. Eram versos, e tinha-os assim:

> Eu fui á missa e por preguiça comi linguiça.

Eu vi Thereza e de avareza comi cereja.

Fui a Campo ver tatús; Achei — tambicús;

Fui ao matto ver bugias; Achei — enguias.

Fui á fabrica ver beijús; Achei — bagadús.

Tambem busquei pitangas; Achei — mangas;

D'outras — procurei tudo: Achei — veludo!

> Cansado fiquei; A casa voltei: A cama deitar, Fui repousar.

No pavimento terreo d'esse edificio esteve estabelecida a livraria do Gaspar Guimarães — uma das mais importantes e selectas do seu tempo. Muitos annos depois, sob o mesmo tecto do sobrado onde Corpo Santo, com espirito crepuscular, escreveu as suas celebres insanias, funccionou a séde da sociedade de lettras Ensaio Litterario, constituida de rapazes do commercio e estudantes — alguns dos quaes têm hoje nome de relevo na litteratura

gaúcha. Muito depois estabeleceu-se nesse predio a loja de fazendas "Eden Familiar". Uma noite violento incendio devorou-a. Foi, a muito custo, salvado pela janella do sobrado, um rapaz de 13 a 14 annos, caixeiro da loja. Era "Marcello Gama" - depois um dos maiores poetas do Rio Grande do Sul contemporaneo, — tragicamente morto, no Rio de Janeiro, de um desastre, muito moço ainda e em pleno, magnifico esplendor do talento.

Eis por que dissemos atraz que o velho e feio predio que pertenceu a Corpo Santo, e que ficava no sitio onde está presentemente o palacete Chaves, está gloriosamente ligado á brilhante historia da

litteratura gaúcha.

As cidades não envelhecem — transformam-se. Ruas inteiras apresentam casarias muito differentes das de ha meio seculo. Até na chamada "cidade baixa", que tem sido de progresso mais lento, observa-se este facto. Apenas a rua Vigario José Ignacio, antiga do Rosario, dentre as principaes, apresenta, em muitos trechos, o mesmo aspecto de ha cincoenta annos. Da rua Riachuelo para baixo, notadamente. As praças, então incultas e abandonadas, estão hoje ajardinadas e floridas. Onde antigamente havia chafarizes jorrantes, alguns, entretanto, de certo gosto artistico, levantam-se hoje alterosas estatuas. E verdade que essas transformações destruiram muitas coisas do passado, ligadas á historia local. Onde as tradicionaes correntes que ladeavam a praça da Harmonia e que presas a curtos e bojudos "postes" - que eram as boccas de fogo que tomámos aos paraguayos, na cruenta e prolongada guerra, formavam uma interessante, negra e original cerca de ferro? E os relvosos valles que cortavam a varzea ao meio, e eram os restos das trincheiras cavadas na revolução dos Farrapos, em 1835? A vassoura do progresso varreu todo esse "lixo historico" para alindar a "urbs"...

8

O progresso mata o pittoresco — embellezando, é verdade. Morreram as "Cavalhadas", o "Bumba, meu boi", os "Cavallinhos de páo" com a respe-ctiva "argolinha" — que era o "gambelo" da petizada e ganha-pão de muitos barbaças. O que não morreu, modificou-se, como os "fogos" do Espirito Santo — que neste anno do seculo da electricidade, 1919 — não teve fogos de artificio, o que não impediu todavia que todo o mundo, que se dirigia, á noite, para a tradicional praça, dissesse, risonhamente: — Vamos aos "fogos!" O "páo de cocanha" não morreu, mas transformou-se. Nos tempos de antanho era horizontal e rotativo, collocado entre dois postes. Agora, exhibiu-se a prumo e fixo. Coisas da moda. Edificios desapparecem, cedendo logar a outros mais pomposos e hygienicos. O que eram velharias caturras são, na actualidade, modernices elegantes. Todavia no que diz com uma "coisa animada e quasi sempre falladora — o "typo popular", que faz parte da vida das cidades, este retrocedeu com o progresso. Os de hoje não valem a sombra dos antigos. Os typos populares de ha trinta annos eram, na verdade, interessantes. Era o "Barão do cemiterio", magro, de faces chupadas e esverdeadas, de bigode pendente e pontudo "cavagnac" negro, sempre casacalmente vestido de preto, luva de pellica e badine. Este era silencioso. Havia o "Joãosinho Maluco", que andava esmolando pelas ruas e soltando a cada passo gargalhadas grotescas, sem que nem por que. Havia os vendedores ambulantes de balas: "Bala-Balô" e a "Araúna" ou "Querida Mariposa". Aquelle era napolitano, velho, aguardenteiro, e trazia a sua quitanda em um taboleiro pendente do pescoço por correias de couro. O seu prégão era cantado, com musica e lettra suas:

Bala, bala-balô.

A segunda era uma bahiana, quarentona, typo masculino, que apregoava as suas balas, dançando e cantando, com musica e lettra também suas:

Tenho dinheiro de prata, Araúna!

Para gastar com as mulata, Araúna!

Tenho dinheiro de ouro, Araúna!

Para gastar com as creoula, Araúna!

O nosso compositor, Domingos Moreira, o "Mingotão", escreveu variações sobre os rusticos themas

daquelles dois typos populares, e as duas ligeiras composições tiveram grande vóga nos pianos da cidade - como têm actualmente a "Baratinha" e o "Acayáca, na ponta". Havia ainda o Eiras, barbeiroesfola-queixos, cirurgião, dentista. Fazia sangrias, applicava bichas, ventosas e, aos domingos, ia caçar perdizes na Tristeza. Sua barbearia ficava na rua da Ponte, a actual Riachuelo, no pavimento terreo do sobrado sito á esquina da rua General Paranhos. Na esquina era a venda do João dos Santos, trunfo na maçonaria, onde chegou ao gráo 33, e na politica, em que attingiu á poderosa posição de inspector de quarteirão.

E' que em 1876 — o inspector do quarteirão era

o rei da zona...

Immediata á venda do João dos Santos, era a barbearia do Eiras. Estava sempre repleta de gurys. E' que o Eiras, além da sua paixão pela cynegetica — adorava o "sólo" e a bisca — a vintem a partida.

"In illo tempore, um vintem — era dinheiro.

Os seus companheiros na "orelha da sóta", eram sempre gurys. O Eiras tambem amolava tesouras, facas e navalhas. Concertava relogios de parede. — Era uma especie de homem dos sete officios. Outro typo popular muito apreciado era o "Agradavel". Havia ainda a "Chica Balaio". O "Coió", um rapaz de bôa familia, tambem teve a sua época. Era fanatico por Silveira Martins, e andava pelas ruas fazendo discursos politicos. Era popularissimo o "Ignacio Gaiola", que atropelava, ameaçador e matador, a garotada que mexia com elle. Tivemos ainda o "Governador". Fallava mysteriosamente, e, em ceros dias, visitava os quarteis — aonde ia dar ordens para as forças armadas permanecerem de

promptidão — visto correrem rumores na cidade de que o queriam depôr, a elle — Governador.

Todos estes typos eram inoffensivos, e tinham outro tom de bizarria, que não se encontra nos

de hoje.

Quaes são estes ? O "Matraca", que vende bi-lhetes de loteria, offerece a "sorte grande" a tout le monde et son père", e quando não consegue impingir o bilhete — acaba pedindo um nickel á vietima. O Zé Maria, creoulo, moço, que, quando está com o "diabo no corpo", aborda os transeuntes, olha-os com olhares entre feros e risonhos, e termina exclamando: Que barbaridade! A negra "Não Casa Mais", que anda contando nas ruas que contractou casamento com um moço branco, que o está esperando a todo momento, e que perde as estribeiras, levantando os vestidos e atropelando a todo mundo, quando algum "insolente" tem o descôco de gritar-lhe: "Não casa mais!" Vem depois o "Cadete", "barata" de taverna, lavador de casas e rapaz de mandaletes. Imbecil, como todos os desta ultima camada citados. O unico dos actuaes que recorda os antigos é o Abilio, creoulo, ainda moço, vendedor ambulante de balas, que dá signal de si nas ruas onde tem freguezia, cantando com "musica" sua, a lettra de Gonçalves Dias:

> Minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá. As aves que aqui gorgeiam não gorgeiam como lá.

Mas este mesmo fica a perder de vista, se o compararmos com o "Bala-Balô" e a "Araúna" ou "Querida mariposa". Sould be the measurement of the second

Só as coisas melhoraram; os individuos, não. Hoje, animam a vida da cidade, antigamente tão sem diversões, os cinemas, os "cabarets", e os "cafés", onde se faz musica e . . . intrigas. Entretanto, nos velhos tempos, havia mais amor ás lettras e ás artes. Para proval-o, é bastante nomear duas grandes instituições de antanho. Uma mais antiga: o "Parthenon Litterario" e a outra, posterior, a "Philarmonica Porto Alegrense". De ambos fez parte o escól da intellectualidade e arte porto-alegrenses.

Saudoso tempo!

O progresso é pratico. Ao envez do sonho quer a realidade. Algumas coisas, com o progresso, mudaram para peor, e, dest'arte, a inoffensiva "rifa" transformou-se no pernicioso "bicho"; o vispora familiar foi substituido pela traiçoeira e ratona roleta.

Ai, a barateza dos refrigerantes nos rigorosos, in-

falliveis e calidissimos estios antigos!

Eram a gengibirra, a tres vintens a meia garrafa, e o mellado com agua e o "maduro" — a vintem o copo. Hoje, são as aristocraticas gazosa e Alcina, que não têm certamene o sabor estranho, de uma ardencia toda especial, do amarello maduro — morto, esquecido pelos velhos que o saborearam, e desconhecido das gerações actuaes.

8

"In illo tempore" a instrucção publica ia se formando aos poucos, mas possuia professores de da uma gloria da pedagogia rio-grandense, depois de Hilario Ribeiro, e Francisco de Freitas Cabral, caracter de tempera incomparavel, querido e bemquisto, e que foi deputado provincial. A escola do Bibiano era situada no "Alto da Bronze", e ahi aprenderam as primeiras letras, Damasceno Vieira, um dos nossos grandes poetas, e o menino Medeiros, mais tarde general Luiz Antonio de Medeiros, figura de relevo do exercito nacional. Francisco de Freitas Cabral teve a sua escola sempre no 2.º districto, primeiramente em um sobrado da rua dos Andradas, ao lado direito de quem vai da rua Santa Catharina para a do Senhor dos Passos, nomes que ellas tinham naquelle tempo. Mais tarde foi transferida para o Caminho Novo, nas proximidades da estação da Estrada de Ferro.

A escola publica do professor Francisco de Freitas Cabral era uma das de maior frequencia da cidade. Para attender á fiscalisação e manter a disciplina dos trabalhos escolares, elle além de decuriões, teve dois adjuntos: um padre, de quem não nos occorre o nome, e outro o velho Sant'Anna, portuguez e côxo, typo de incomparavel bondade, que residiu muitos annos em casa do Dr. Antonio Correia de Oliveira, outra bôa alma que naquelle tempo dava as cartas na politica da Provincia. Francisco de Freitas Cabral era um professor culto e de elevado caracter. Era austero, mas justo. Parece que, propositalmente, escolhia para a sua escola predios de comprido corredor, que separasse os salões das aulas dos apartamentos de sua illustre familia, e usava botinas de ringideiras. Desta arte, quando as salas escolares estavam repletas e a petizada entregue á

maior algazarra a presença do professor fazia-se annunciar no fundo do corredor com as suas terriveis ringideiras. Vinha elle dar inicio aos trabalhos escolares. A rapaziada emmudecia subitamente. Abria os livros e fingia estudar. O professor entrava na sala, fazia com um movimeno de cabeça um austero cumprimento, subia o estrado e occupava a sua mesa. Começavam as lições. — Como elle sabia ensinar! Severo para com os alumnos relapsos, servia-se não poucas vezes — e terrivelmente! — da "Santa Luzia"; mas porque era justiceiro e quiçá profundo psychologo, sabemos de alumnos seus que nunca receberam delle siquer uma advertencia. E não se pense que era por que fossem estes filhos de "pae alcaide". Não. Muitos de boa estirpe elle castigou, quando mereciam castigo. Ao passo que muitos a quem elle nunca infligiu castigos e nem siquer lhes fez cara feia — eram filhos do povo, que revelavam uma grande vontade de ser "alguem" um dia

Quereis uma prova do caracter e da justiça de Francisco de Freitas Cabral? Entre os seus alumnos havia um mais do que todos vadio. Era filho do conhecidissimo fiscal Senna. "Gazeteiro" incorrigivel. Ao envez de ir á escola, deixava-se ficar nas ruas a jogar a "sapata", o "emboque" ou a "bola". Era tido na escola como o mais vadio dos alumnos. O professor, no mappa da frequencia e applicação marcava-lhe as peores notas. Um dia o pae, que o suppunha na escola, encontrou-o na rua jogando o "emboque". Pegou-o por uma orelha e arrastou-o até á escola. Cabral recebeu o velho, que ia furioso, com o sorriso amavel e as maneiras distinctas que assignalam a educação e a alma das raças finas. O

fiscal Senna contou ao professor a "má cabeça" daquelle ruim filho. Julgava-o na escola, e encontrara-o na rua, na "perdição do jogo". O professor, então, disse ao fiscal que o seu filho era realmente inimigo do livro, remisso á frequencia e máo. O velho. Senna, cravou primeiramente colericos olhos no filho, e depois, voltando-se para o professor, disse com força:

— Dê-me a sua palmatoria!

- Para o que?

— Para eu dar uma duzia de bolos neste desavergonhado.

O professor Cabral teve um assomo de severidade. Encarou o fiscal e disse-lhe energicamente:

— Não, senhor! Na minha escola só quem usa da palmatoria sou eu, quando os alumnos o merecem. Leve o seu filho. Vá castigal-o em sua casa.

Da preciosa colmeia humana de Francisco de Freitas Cabral sairam grandes homens para o commercio, para a industria, para a religião, para a po-

litica e para a litteratura nacional.

Era pae do pastor evangelico Americo Vespucio Cabral, que, se chegar a ler este ligeiro trabalho, poderá dar testemunho, á vista do exposto nesta parte — quanto elle é escripto com verdade.

8

Porto Alegre, no seu extraordinario avanço civilizador, chega a causar espanto. De lustro em lustro o seu progresso é espantoso. E é preciso que accentuemos aqui: si na transformação da cidade o homem tem feito muito, a natureza tambem bas-

tante o tem ajudado. Assim é que si a topographia da cidade da rua Duque de Caxias até á Riachuelo transformou-se, devemos mais a um trabalho natural, grandes enchurradas, deslocações de terrenos altos, que não puderam resistir á violencia do tempo. Não assim, da rua Riachuelo para baixo. De ahi em deante foi um trabalho de hollandez. Tudo isso era agua, que o braço do homem fez recuar ou estancar, implantando nesse sitio a mais bella, a mais commercial e rica zona da cidade. E' claro que muito se deve á iniciativa particular. O municipio tem feito quanto possive!, no ambito do seu orçamento, para o engrandecimento da cidade. O governo presidencial, por sua vez, é cauto, vigilante e activo. Nada se faz sem o seu sabio conselho, e este é sempre inspirado pelos sãos principios da politica republicana, bebidos em uma philosophia que vai conquistando o mundo. Em todo este rapido progresso da nossa "urbs" tem influido sempre a influencia do livro. E a prova está em que, in illo tempore, onde só havia charcos e coaxar de sapos, levantam-se hoje os magnifico sedificios da Escola de Engenharia, da Escola de Direito, do Gymnasio Julio de Castilhos, Instituto Electro-Technico e o Technico Profissional. Os gregos disseram um dia: "a sabedoria é modesta". E a nossa escola de medicina tem a frente em uma das ruas mais modestas da cidade e os fundos para uma ainda mais modesta — a da Cadeia Velha, como se chamava antigamente a que hoje tem a placa intendencial "2 de Fevereiro".

Os gregos sempre fallavam sabiamente... Não tivessem existido — os sete sabios da Grecia...

8

Não seria exacto este ligeiro estudo, si, ao lado dos poderes administraivos, não collocassemos o incendio como um dos grandes e, quiçá, um dos maiores factores do embellezamento da cidade. Realmente, muitos dos nossos mais bellos edificios sairam das cinzas de verdadeiros casebres. Isto no miolo da cidade. Nos extremos, a propriedade particular tem feito, é certo que em proveito seu, obra de incomparavel belleza e valor. Bairros de hontem, como o de S. João, são verdadeiras cidades, como já o dissemos. E' que Porto Alegre foi sempre uma cidade bem fadada. Outras, como Rio Grande, em meihor posição geographica, e quasi porto de mar, sendo mais antiga, teve que ceder o passo á rainha do Guahyba. Solucionou-se, por um sabio esforço de engenharia, o problema da abertura da barra, considerado insoluvel. Porto Alegre foi que mais ganhou com isso. Se um dia, como é de esperar e desejado, realizar-se a construcção do porto de Torres, Porto Alegre terá então amplos horizontes rasgados para mais largo e opulentissimo futuro. Fontes de producção e riqueza não lhe faltam. O Rio Grande do Sul, de que Porto Alegre é o coração e o cerebro, é uma mina inexgotavel e ainda quasi inexplorada. Pois bem. suas rendas, que no ultimo anno da monarchia ascendiam a pouco mais de uma centena de contos de réis, sobem hoje a mais de 20.000 contos de réis. O Rio Grande do Sul não tem divida externa, porque nunca precisou, e a sua divida interna é amortizada pontualmente. Quando todos os Estados da União estão encalacrados e apresentam nos seus balanços

"deficits", o Rio Grande do Sul apresentou no seu ultimo balanço definitivo um saldo superior a dez mil contos de réis.

A imprensa do paiz, quasi unanime, mostrou-se assombrada deante desse facto, e teceu os maiores encomios á administração do excelso presidene gaúcho, Sr. Borges de Medeiros.

E' a verdade do velho brocardo: — "Dai-me boa

politica e eu vos darei optimas finanças".

A Porto Alegre cabe a gloria desta opulencia, porque é ella que tem — as chaves do Thesouro.

E' tempo de terminar. Dissemos, ao correr da penna, e quasi sempre de memoria, porque o nosso tempo não chega para folhear livros, do que aliás prescindimos, velhas e novas coisas de Porto Alegre. Temos a convicção de que o leitor "sabido" encontrará nestas paginas coisas que desconhecia. Procuramos fazer trabalho novo. Todavia, em alguns pontos historicos e em outros de chronica, tivemos de "citar" e mesmo "transcrever". Entretanto estes lanços não darão, si elle o não tiver, valor a este rapido trabalho. O que aqui poderá haver de precioso é o que a evocação foi arrancar ao pas-sado. Aspectos mortos novamente lançados á tela; reminiscencias a que demos corpo e movimento. Resurreições de seres e coisas que fomos arrancar a tumulos obscuros e esquecidos. Ha aqui, garantimol-o, muita coisa nova. A fantasia, porém, não collaborou nisto. Cremos firmemente que tudo neste mundo tem o seu destino, bom ou máo, conforme cáe na má ou boa graça dos deuses, creadores do

destino dos seres e das coisas. Estas paginas terão o destino que lhes foi imposto pelo Desconhecido desde a sua primeira linha.

\*

Porto Alegre desenvolveu-se, com prejuizo de outras cidades mais velhas, devido á sua excellente posição geographica. Entretanto é preciso notar-se que a cidade só começou a engrandecer-se depois do advento da Republica. Entregue a situação ao pugylo intelligente e forte de moços republicanos, com Julio de Castilhos á frente, de logo começou a construcção regeneradora. A' testa dos mais importantes serviços publicos foram collocados homens de caracter e reconhecida competencia. "Tudo está por fazer!" Exclamava Julio de Castilhos pelas columnas da A Federação. E tudo começou a ser feito, com vontade ferrea e pulso forte.

Porto Alegre cresceu da noite para o dia, como que tocada pela varinha magica de uma fada das "mil e uma noites".

Ah! o trabalho de Hercules que tem tido o Governo republicano de Borges de Medeiros, em vinte annos, para este glorioso resultado.

Os proprios adversarios politicos o reconhecem.

8

Ao envez da illuminação a azeite de peixe — a luz electrica; ao envez da "maxambomba", que não matava ninguem — o "electrico" e o "auto", que, como epidemias, estão sempre fazendo victimas — eis o que o progresso nos trouxe. E' dolo-

roso — mas é bonito. Não temos mais "frades" de páo á porta de cada casa, nem de pedra ás esquinas. Temos postes telephonicos e de luz electrica, que nos trazem á casa, de longe, num relampago, a palavra e a luz.

Mas ah! como nos falta tanta coisa... Faltamnos a nossa infancia descuidada e a nossa mocidade sonhadora. A cidade remoçou, embelleza-se, e nós envelhecemos. Mas, antes assim. Que a nossa querida cidade se alinde, progrida, brilhe, seja grande. Com isso rejubilamos, porque é prova de que todos são felizes e trabalham e avançam, — sob o benefico influxo da sã politica republicana que dirige os nossos destinos e se desvela pela nossa maior grandeza.

